Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais

Thomas Bonnici*

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis,* Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

RESUMO

Durante as últimas três décadas, realizou-se intenso estudo sobre as literaturas de povos que experimentaram o colonialismo e este trabalho pretende ser um resumo dessas investigações. Discutiram-se questões sobre as estratégias colonizadoras, o papel do colonizador na formação educacional do colonizado através da língua e da literatura européias, o cânone colonial, a degradação de qualquer expressão cultural indígena e a resposta do colonizado. A crítica sobre os hiatos na literatura colonial e o surgimento de literaturas desvinculadas do padrão eurocêntrico começaram a questionar certos pressupostos da Teoria Literária ocidental. O resultado destes estudos tem sido a reinterpretação e a reescrita de obras canônicas ocidentais como resposta ao colonizador.

Unitermos: Literatura, pós-colonialismo, metrópole-colônia, descolonização, estratégias pós-coloniais.

INTRODUÇÃO

Quando se repara que 185 nações independentes de 193 existentes no mundo integram a ONU, questiona-se a viabilidade dos termos colonialismo, pós-colonialismo e crítica pós-colonialista. No período pós-guerra, especialmente nos anos 60 e 70, parecia que o colonialismo se tornara algo do passado e que os povos das nações independentes haviam encontrado o caminho para o desenvolvimento político. Uma ilação do campo político para o campo literário poderia ser aceita. Admitir-se-ia, então, que as literaturas dos povos independentes estariam livres de manipulações coloniais que as degradaram e que daqui em diante teriam uma posição estética própria. Sabe-se, todavia, que as raízes do imperialismo são muito mais profundas e extensas. Durante o período de dominação européia, quando mais de três quartos do mundo estavam submetidos a uma complexa rede ideológica de alteridade e inferioridade,

* Departamento de Letras - Universidade Estadual de Maringá - Av. Colombo, 5790 - 87020-900 - Maringá - PR.

os encontros coloniais deram um golpe duro à cultura indígena, considerada sem valor ou de extremo mau gosto diante da suposta superioridade da cultura germânica ou greco-romana. Portanto, o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil a padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista.

A ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações e reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro. Talvez pelo fato de ter sido o mais extenso e o mais estruturado de todos, o império britânico proporcionou ao crítico uma singular ocasião para ele poder analisar a literatura escrita em inglês por povos tão diversos em circunstâncias geográficas e históricas tão diferentes. Nestas últimas três décadas, centenas de livros foram publicados sob a rubrica do pós-colonialismo, especialmente pela editora britânica Routledge. Editaram-se várias revistas acadêmicas especializadas em pós-colonialismo para a divulgação e a discussão das idéias inerentes ao tema. A editora Heinemann tem não apenas coleções de obras críticas sobre a experiência literária pós-colonial da África (o conceituado *African Literature in the Twentieth Century*, de O . R. Dathorne, abrangendo inclusive a literatura africana em português e em francês), mas também publicou, no Reino Unido, a maioria das obras literárias. Por outro lado, os livros seminais de Fanon, Ngugi, Achebe, Memmi, Said e de outros teóricos continuam tendo várias edições, tal é o interesse sobre os temas pós-coloniais.

Referente à literatura de língua inglesa, este fenômeno pode ser apreciado sob outro ângulo. Os prêmios literários britânicos mais cobiçados agraciaram a um indiano (Salman Rushdie), um sul-africano (J. M. Coetzee), um nigeriano (Bem Okri), um japonês (Kazuro Ishiguro) e um cingalês (Michael Ondaatje), enquanto o Prêmio Nobel de Literatura de 1993 foi dado a Derek Walcott, de Santa Lucia, no Caribe. Quando algum prêmio literário é recebido por um autor inglês nascido na Inglaterra, a exceção prova a regra (Iyer, 1993).

Salvo raras exceções (entre as quais os trabalhos de Silviano Santiago, Lynn Mário T. Menezes de Souza e Flávio Kothe), esta nova estética ainda não informou a literatura brasileira que, de acordo com os princípios e definições arrolados mais adiante, neste trabalho, poderia ser considerada pós-colonial. Por outro lado, a Editora Ática publicou uma série de autores africanos e os livros de Jameson, enquanto Heloísa Buarque de Hollanda organizou a tradução de ensaios de autores como Bhabha e Said. Poucos são os trabalhos sobre a literatura brasileira do período colonial que tentam analisar as estratégias coloniais existentes na literatura e os mecanismos de subversão pelos quais a imaginação poética experimentou a subjetificação. Raríssimas vezes (por exemplo, os trabalhos das feministas brasileiras) foi questionada a formação do câ-

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

none brasileiro em seus privilegiados e excluídos. Tampouco parâmetros pós-coloniais foram adotados para abordar as questões do idioma português e de sua apropriação na formação da literatura após a independência política e, especialmente, no modernismo e nos anos que o seguem. Os grandes silêncios e hiatos do indígena e do negro escravo ou foragido, como também a dupla colonização da mulher são dignos de serem apreciados no contexto pós-colonial brasileiro.

Este trabalho pretende ser uma contribuição para que se conheçam alguns princípios básicos da teoria pós-colonial referente à literatura. Sua finalidade é colocar ao crítico e acadêmico brasileiros o que é fundamental nos conceitos e nas teorias pós-coloniais desenvolvidas nas últimas décadas e que se tornaram paradigmas de análise às literaturas oriundas dos povos que experimentaram o sufoco da colonização.

A TEORIA PÓS-COLONIAL

Autores tradicionais, definindo pós-colonialismo, usam o termo "colonial" para descrever o período pré-independência e os termos "moderno" ou "recente" para assinalar o período após a emancipação política. Embora não haja um consenso sobre o conteúdo do termo "pós-colonialismo", Ashcroft et al. (1991) o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje. Muitas vezes este termo é ignorado ou não entendido como é descrito acima porque certos grupos que saíram do colonialismo têm como preocupação primária o nacionalismo cultural e econômico e não querem sacrificar a especificidade de suas preocupações ao termo geral "pós-colonialismo" (Souza, 1986; Adam & Tiffin, 1991)

Outro conceito a ser considerado é o de literatura pós-colonial, que pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências européias entre o século XV e XX. Portanto, as literaturas em língua espanhola nos países latino-americanos e caribenhos; em português no Brasil, Angola, Cabo Verde e Moçambique; em inglês na Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia, Malta, Gibraltar, ilhas do Pacífico e do Caribe, Nigéria, Quênia, África do Sul; em francês na Argélia, Tunísia e vários países da África, são literaturas pós-coloniais. Apesar de todas as suas diferenças, essas literaturas originaram-se da "experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial" (Ashcroft et al., 1991).

A crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado. Esta abordagem envolve: um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização; o auto-questionamento do

crítico, porque solapa as próprias estruturas do saber, ou seja, a teoria literária, a antropologia, a geografia eurocêntricas; engajamento do crítico, porque sua preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, para a recuperação da história, da voz e para a abertura das discussões acadêmicas para todos; uma desconfiança sobre a possível institucionalização da disciplina e a apropriação da mesma pela crítica ocidental, neutralizando a sua mensagem de resistência (Parry, 1987).

Em primeiro lugar, até hoje, há dois livros importantes que traçam a história dos pressupostos filosóficos da crítica pós-colonial, ou seja, *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* (1989), de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin e *White Mythologies: Writing History and the West* (1990), de Robert Young. O primeiro analisa os pressupostos filosóficos, a teoria literária européia, a hegemonia da língua inglesa e as estratégias políticas do império britânico. Os autores chegam a vários princípios e questões que fundamentam o conceito de literatura pós-colonial. Partindo de certas linhas filosóficas de Hegel e de Sartre, o segundo livro aprecia a contribuição de críticos de renome mundial como Spivak e Bhabha (Benson & Conolly, 1994), embora sempre os considere criticamente, de modo especial, na detecção de seus resquícios europeus (Slemon, 1995). Em segundo lugar, *Orientalismo* (1978) e *Cultura e imperialismo* (1993), de Edward Said, *In Other Worlds* (1987) e *The Post-Colonial Critic* (1990), de Gayatri Spivak, como também *Nation and Narration* (1990), de Homi Bhabha, mudaram o eixo da questão referente à crítica exclusivamente eurocêntrica, formularam teorias para a análise do relacionamento imperialismo/cultura e mostraram os caminhos para uma literatura e estudos literários pós-coloniais autônomos. Não se pode negar, todavia, que a metodologia desses autores tem muito a ver com o pós-estruturalismo e o desconstrucionismo muito em voga recentemente na crítica literária européia.

Sem dúvida, muitas questões ainda não foram resolvidas, como: a relação da língua européia trazida pelos colonizadores e as línguas indígenas; a conveniência das traduções; a influência cultural híbrida dentro de uma mesma cultura e fora dela; a paridade da oratura (narrativas orais) com a literatura; os padrões de valores estéticos; a importância das instituições (como as universidades) para a produção literária e crítica; a revisão do cânone literário.

Desde a sua sistematização nos anos 70, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como "selvagens", "primitivos" e "incultos" pelo imperialismo; a recuperação das fontes alternativas da força cultural de povos colonizados; o reconhecimento das distorções produzidas pelo imperialismo e ainda mantidas pelo sistema capitalista atual.

Vários autores percebem que, pelo menos no caso do inglês, o estudo dos idiomas europeus como disciplinas acadêmicas e o desenvolvimento dos impérios no século 19 partiram de uma única fonte ideológi-

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

ca. Ambos funcionaram como fatores utilitários de propaganda e de consolidação de valores. No último caso, os valores, o estilo e os parâmetros inculcados nos acadêmicos confirmaram a superioridade da civilização européia, com a conseqüente degradação e total rejeição de qualquer manifestação cultural nativa, considerada inferior, primitiva e selvagem, digna de ser extirpada. *The Tempest* e *Robinson Crusoe* testemunham tais fatos, como será discutido adiante. A língua européia, estudada em seu padrão culto, não admitia concorrências e, portanto, rejeitava as "distorções não-canônicas" oriundas da periferia e da margem. A sedução era tanta que muitos nativos começaram a mergulhar nessa cultura importada e, negando as suas origens, a escrever na língua padrão européia e a imitar os clássicos de sua literatura. "Os administradores coloniais britânicos, instigados pelos missionários e pelo medo das insubordinações nativas, descobriram um aliado na literatura inglesa para os apoiar em seu controle dos nativos sob um pretexto de educação liberal" (Viswanathan, 1987). A neutralização deste arcabouço conspiratório entre língua, literatura e cultura não é fácil de ser realizada. No que diz respeito à África, Ngugi (1972) analisa este estado de coisas em "On the Abolition of the English Department", enquanto Docker (1978) em "The Neocolonial Assumption in the University Teaching of English", discursa sobre o Commonwealth em geral. Ngugi organizou um programa em que o Departamento de Língua Inglesa fosse abolido e substituído por um Departamento de Literatura e Língua Africanas, relativizando as fontes literárias européias e insistindo sobre a tradição oral ou oratura como "nossa raiz primordial". Docker admite que pouca descolonização aconteceu nas nações pós-coloniais, ou seja, o *status* canônico das literaturas européias ainda está firme. "O perigo enfrentado pelo estudo literário pós-colonial é que ele pode ser descartado apenas como uma opção interessante. O desafio da literatura pós-colonial está de fato em que, desmascarando e atacando pressupostos anglocêntricos diretamente, pode substituir a literatura inglesa pela literatura mundial em língua inglesa" (Docker, 1978). Embora haja muita resistência, os questionamentos sobre os pressupostos em que o estudo da língua e da literatura européias estavam fundamentados já surtiram efeitos consideráveis.

DESENVOLVIMENTO DAS LITERATURAS PÓS-COLONIAIS

A emergência e o desenvolvimento de literaturas pós-coloniais dependem de dois fatores importantes: (1) as etapas de conscientização nacional e (2) a asserção de serem diferentes da literatura do centro imperial.

A primeira etapa envolve textos literários que foram produzidos por representantes do poder colonizador (viajantes, administradores, soldados e esposas de administradores coloniais). Tais textos e reportagens com detalhes sobre costumes, fauna, flora e língua dão ênfase à metrópole em detrimento da colônia; privilegiam o centro em detrimento da

periferia. A pretensão de objetividade e a atomização dos objetos descritos escondem o discurso imperial (Mello e Souza, 1993).

A segunda etapa envolve textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole e que se sentiam gratificados em poder escrever na língua do europeu (não há consciência de ela ser também do colonizador). A classe alta da Índia, os missionários africanos e, às vezes, prisioneiros degredados na Austrália sentiram-se privilegiados em pertencer à classe dominante, ou serem por ela protegidos, e produziram volumes de poemas e romances. *A Prosopopéia*, de Bento Teixeira, é um exemplo clássico na literatura brasileira (Bosi, 1983).

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

Embora muitos dos temas (cultura mais antiga do que a européia, a brutalidade do sistema colonial, a riqueza de seus costumes, leis, cantos e provérbios) abordados por esses autores estivessem carregados de subversão, sem dúvida não podiam e não queriam perceber esta potencialidade. Além disso, a manutenção da ordem e as restrições impostas pela potência imperial não permitiam qualquer manifestação que pudesse indicar algo diferente dos critérios canônicos ou políticos.

A terceira etapa envolve uma gama de textos, a partir de certo grau de diferenciação até uma total ruptura com os padrões emanados pela metrópole. Evidentemente, essas literaturas dependiam da ab-rogação do poder restritivo e da apropriação da linguagem/escrita para fins diferentes daqueles pelo quais outrora foram usados. Quando o nigeriano Amos Tutuola escreveu *The Palm-Wine Drinkard* (1952), Dylan Thomas e outros críticos ingleses estranharam a linguagem e o estilo deste novo romance africano (Benson & Conolly, 1994; Sampson, 1979; Phelps, 1984) . Os críticos ingleses logo perceberam o nascimento do romance pós-colonial em *Things Fall Apart* (1958), no qual Chinua Achebe ridiculariza o administrador colonial que deseja escrever um livro sobre os costumes primitivos dos selvagens do alto Rio Niger quando o autor já havia exposto a complexidade de costumes, religião, hierarquia, legislação e provérbios da tribo dos Igbos em Umuofia.

Deslocamento e linguagem

Uma das características da sociedade colonizada é o deslocamento. Relacionando linguagem e deslocamento, distinguem-se três categorias de sociedades pós-coloniais:

“Settler colonies”: Na América espanhola, no Brasil, nos Estados Unidos da América, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, a terra foi ocupada por colonos europeus que conquistaram e deslocaram as populações indígenas. Uma certa modalidade de civilização européia foi transplantada e os descendentes de europeus, mesmo após a independência política, mantinham o idioma não-indígena. Se no início os colonos inquestio-

BONNICI, T.
Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais.
Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

navelmente consideravam que o seu idioma era apropriado para expressar a complexa realidade do lugar ocupado, os escritores mais recentes iniciaram uma série de questionamentos a este respeito.

"Sociedades invadidas": Na América Central, na Índia e na África com suas civilizações díspares em vários estágios de desenvolvimento, as populações foram colonizadas em sua terra. Portanto, os escritores nativos já possuíam suas respostas milenares e seu modo de ver, embora estes fossem marginalizados pelos colonizadores. Às vezes, o idioma europeu substituiu o idioma do escritor; às vezes, ofereceu-lhe uma oportunidade para que seus escritos fossem melhor divulgados e lidos. Em ambos os casos, o idioma europeu causa uma certa ambigüidade no texto escrito.

"Sociedades duplamente invadidas": As sociedades primordiais dos indígenas das ilhas do Caribe foram completamente exterminadas nos primeiros cem anos do descobrimento. A população atual das Índias Ocidentais veio da África, Índia, Ásia, Oriente Médio e da Europa através do deslocamento, do exílio ou da escravidão. De todas as sociedades colonizadas, talvez a sociedade caribenha seja a que mais sofreu os efeitos devastadores do processo colonizador, onde o idioma e a cultura dominantes foram impostos e as culturas de povos tão diversos aniquiladas.

COLONIALISMO E FEMINISMO

Há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo. Em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo / feminismo e metrópole / colônia ou colonizador / colonizado. "Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia" (Du Plessis, 1985). Em segundo lugar, se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada. Os romances de Jean Rhys, Doris Lessing, Toni Morrison e Margaret Atwood testemunham esta dialética. Portanto, o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade. De modo semelhante ao que aconteceu nas reflexões do discurso pós-colonial, no primeiro período do discurso feminista, a preocupação consistia na substituição das estruturas de dominação. Esta posição simplista evoluiu para um questionamento sobre as formas e modos literários e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone. Nestes debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras; outrossim, o pós-colonialismo ajudou o feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso feminista.

Peterson (1995) fala que em muitos países do Terceiro Mundo há o dilema sobre o que é necessário empreender primeiro: a igualdade feminina ou a luta contra o imperialismo presente na cultura ocidental. Em

Things Fall Apart, o personagem Okonkwo é castigado não porque bateu em sua esposa, mas por ter batido nela numa semana considerada sagrada. Peterson resolve a questão com uma citação de Ngugi: "Nenhuma libertação cultural sem a libertação feminina". A opinião de Buchi Emecheta é oposta à de Achebe. A força literária da autora nigeriana consiste em sua "autêntica perspectiva feminista, sua focalização na exploração da mulher e a luta dela pela libertação" (Benson & Conolly, 1994). Efetivamente, a dupla colonização causou a objetificação da mulher pela problemática da classe e da raça, da repetição de contos de fada europeus e da legislação falocêntrica apoiada por potências ocidentais. Entre outras, a mais eficaz estratégia de descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem (experiência de Sistren) e da experimentação lingüística (Ashcroft et al., 1991; Bonnici[1], 1998 no prelo).

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

A DICOTOMIA SUJEITO-OBJETO

A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia do sujeito. Sartre discursa sobre a construção da pessoa como Sujeito em relação ao Outro e, portanto, enfatiza a característica da reciprocidade. Através da percepção do próprio Ser-objeto para o Outro deve-se compreender a presença do Ser-sujeito dele, afirma Sartre (1997). Esta reciprocidade permite as relações mútuas entre a pessoa e o outro. Ambos podem voluntariamente ter a função de objeto para o Outro. Nas sociedades pós-coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. É a dialética do Sujeito e do Outro, do dominador e do subalterno. A língua cortada do personagem Friday no romance Foe (1986), de J. M. Coetzee, é o símbolo do colonizado mudo por ato voluntário do colonizador.

Os críticos tentam expor os processos que transformam o colonizado numa pessoa muda e as estratégias dele para sair desta posição. Spivak discursa sobre a mudez do sujeito colonial e, conseqüentemente, da mulher subalterna. "O sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar", sentencia Spivak (1985). Bhabha (1984) afirma que o subalterno pode falar e a voz do nativo pode ser recuperada através da paródia, da mímica e de tática chamada 'sly civility', que ameaçam a autoridade colonial. Por outro lado, a validade da posição destas teorias foi questionada por Benita Parry (1987), alegando que poderiam ser uma máscara para a dominação neo-colonial, uma das "forma[s] metamorfoseada[s] do imperialismo". A autora compartilha a mesma opinião de Fanon (1990) e Ngugi (1986), que provaram como "o colonizado pode ser reescrito na história". Se a descolonização sempre é um fenômeno violento (Fanon, 1990), o colonizado fala quando se transforma num ser politicamente consciente que enfrenta o opressor com antagonismo sem cessar.

1 BONNICI, T. Tendências do feminismo no contexto pós-colonial. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 7. 1997, Niterói. *Anais*... Niterói: UFF, 1998 (no prelo)

BONNICI, T.
Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais.
Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

Há três teorias sobre a reversão do colonizado-objeto em sujeito dono de sua história e da sua capacidade de reescrever sua história. Janmohammed (1988) afirma que o autor da literatura pós-colonial deve dedicar-se à produção de estereótipos negativos do colonizador e de imagens autênticas do colonizado. Deste modo, criará um mecanismo que foi produzido inversa mas eficazmente na era colonial. Bhabha (1983) recusa a polaridade colonizador-colonizado e reconhece que a alteridade é "a sombra amarrada" do sujeito porque ambos se construíram. Este hiato entre o sujeito e o objeto, o território da incerteza, é aproveitado pelo autor pós-colonial para reconstruir seus personagens pós-coloniais. O hibridismo pós-colonial com sua subversão da autoridade e a implosão do centro imperial constrói o novo sujeito pós-colonial. O guianense Wilson Harris (1973) fala do sujeito colonizado como alguém que possui muitas facetas, o eu e o outro. A procura deste eu composto é a nova identidade pós-colonial. A violência (o desmembramento do sujeito) é seguida pela fragmentação e pela reconstrução do vazio a partir do qual as culturas são liberadas da dialética destrutiva da história. A chave de tudo isso é a imaginação, o único e antigo refúgio de pessoas oprimidas pela política de dominação e de subserviência (Souza, 1994).

Com exceção da teoria simplista de JanMohammed, as outras duas tentam mostrar a possibilidade de ser do sujeito pós-colonial, porque radical e internamente subverte a noção de eurocentrismo e constrói a alteridade como sujeito.

AB-ROGAÇÃO E APROPRIAÇÃO

Na era colonial, a literatura na colônia estava sob o controle direto da classe dominante, que emitia parecer sobre a forma literária e controlava a publicação e distribuição do texto. Portanto, tais textos surgiram dentro do contexto do poder restritivo e limitador, testemunhando este fato. Conseqüentemente, a existência de literaturas fora do eixo eurocêntrico dependia da ab-rogação deste poder restritivo, como também da apropriação da escrita para usos distintamente novos. A ab-rogação é a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras. É um momento da descolonização do idioma europeu. A apropriação é um "processo pelo qual o idioma é apropriado e obrigado a carregar o peso da experiência da cultura marginalizada" (Ashcroft et al., 1991). Como o idioma é um instrumento ideologicamente carregado, o autor pós-colonial sempre se encontra numa verdadeira tensão entre os pólos da ab-rogação do idioma castiço recebido da metrópole e da apropriação que submete o idioma a uma versão popular, atrelado ao lugar e às circunstâncias históricas. Seja em sociedades monoglotas (Argentina), ou em diglotas (Índia, África, populações indígenas no Brasil) ou em poliglotas (ilhas do Caribe), o autor pós-colonial emprega as duas estratégias. Ele "arrebata o idioma, o recoloca numa si-

tuação cultural específica e ainda mantém a integridade daquela alteridade (a escrita) que historicamente foi empregada para manter o homem pós-colonial nas periferias do poder, da autenticidade e mesmo da realidade”. (Ashcroft et al., 1991)

O CÂNONE COLONIAL

A desmistificação da formação e da constituição do cânone ocidental é algo recente e, em parte, deve-se ao desenvolvimento das literaturas pós-coloniais. A excelência do idioma e a complexidade da obra literária produzida e consagrada pelo centro começam a ceder às investigações sociais e políticas que privilegiaram certas obras e certos autores enquanto descartaram outros (obras e autores). Não somente a ligação entre o cânone literário e o poder é um fato indiscutível, mas também sua utilização para fixar a superioridade do colonizador, degradar o “primitivismo” do colonizado e relegar à periferia qualquer manifestação cultural e literária oriunda da colônia. “A tentação dos públicos metropolitanos em geral tem sido decretar que esses livros, e outros similares, não passam de exemplos de uma literatura nativa escrita por ‘informantes nativos’, em vez de contribuições contemporâneas ao saber. A [sua] autoridade tem sido marginalizada porque, para os estudiosos profissionais ocidentais, parecem escritas de fora para dentro” (Said, 1995). A nudez dos povos indígenas descrita em todos os documentos coloniais é metonímica da suposta incapacidade dos povos pós-coloniais de emergir com sua literatura e produzir obras de arte iguais às européias. Com estes pressupostos, a literatura européia fixa-se como essencial, indiscutível, influenciando e impondo estilos e padrões literários. Por outro lado, a literatura pós-colonial é fixada como tributária, dependente, imitativa.

Max Dorsinville *apud* Hutcheon (1995) diz que o relacionamento entre sociedades dominantes e dominadas produz a configuração do cânone literário. Na Austrália, a literatura dos aborígenes é considerada periférica diante da literatura australiana em inglês, que, por sua parte, já foi considerada periférica no contexto da literatura inglesa. A pouca repercussão da literatura brasileira no contexto mundial é devida à sua suposta derivação da literatura portuguesa que, por sua parte, sempre foi considerada tributária da francesa. Embora o Canadá atual não possa ser considerado um país em desenvolvimento, houve um tempo em que a canonicidade de sua literatura foi nula devido à alegada dependência do modelo britânico e, depois, estadunidense. Apesar disso e no que concerne a estas duas literaturas, pode-se afirmar com Margaret Laurence que os autores pós-coloniais tiveram o grande trabalho “de descobrir suas vozes e escrever o que realmente pertence a eles mesmo enfrentando o imperialismo cultural esmagador” (Dorsinville *apud* Hutcheon, 1995).

É interessante mencionar a situação da literatura dos Estados Unidos da América para analisar melhor o modelo dominante-dominado de Dorsinville. A literatura estadunidense foi considerada uma literatura tribu-

tária até o século XIX. A transformação do país nos séculos XIX e XX, de uma posição política periférica para a de dominante, contribuiu para a assimilação de parâmetros europeus. Conseqüência disso foi a produção de obras canônicas e o exercício de grande influência nas outras literaturas. O crescente poderio político dos Estados Unidos e sua capacidade de dominação influenciaram a seleção das obras canônicas e as colocaram a par do cânone literário europeu.

DESCOLONIZAÇÃO

Em *Les damnés de la terre* (1961), de Frantz Fanon (1925-1961), e em *Portrait du Colonisé précédé du Portrait du Colonisateur* (1957), de Albert Memmi (1920 -), analisa-se o relacionamento entre colonizador e colonizado dentro do contexto dialético império-colônia. Os autores concluem que qualquer texto oriundo desta dialética é produto do controle político exercido em todo o período pós-colonial. Segue-se que a existência de um conjunto de textos diferenciados da literatura metropolitana e caracterizados pela cultura existente depende da descolonização. Para certos autores, o termo descolonização significa a recuperação dos idiomas e culturas pré-coloniais. Ngugi (1986) e Huggan (1995) consideram o colonialismo como uma fase histórica e que o renascimento da cultura indígena outrora florescente anulará todos os malefícios que informaram a cultura no período pós-colonial. Por outro lado, Williams (1969) afirma que os traços da história jamais podem ser apagados ou ignorados. A cultura híbrida e sincrética dos povos pós-coloniais é fator positivo e uma vantagem da qual recebe a sua identidade e força.

Realmente, a Índia e a África têm possibilidades de desenvolver uma cultura e uma literatura com moldes pré-coloniais. Após 1970, o queniano Ngugi escreve exclusivamente no idioma Gikuyu e os romances dos nigerianos Achebe e Tutuola são exemplos típicos de oratura (a tradição oral africana), embora escritos em inglês. Movimentos semelhantes surgiram na Austrália e na Nova Zelândia. Parece, porém, que há um equívoco quando se identifica a descolonização com a reconstituição da cultura pré-colonial. Por outro lado, a cultura eurocêntrica é tão profunda que a produção de um romance em língua indígena ainda constitui um texto culturalmente sincrético. Nos anos 70, houve um debate entre estas duas correntes, especialmente referente à África e ao Caribe. Chinweizu, em *Towards the Decolonization of African Literature* (1983) e Brathwaite condenavam a subserviência a técnicas literárias ocidentais e defendiam a volta a raízes africanas como o fator mais importante da identidade; por outro lado, o nigeriano Soyinka e os caribenhos Harris e Walcott foram favoráveis ao sincretismo e à pluralidade cultural (Benson & Conolly, 1994). Os trabalhos de Todorov (1991) e Said (1995), analisando os encontros coloniais literários referentes ao Europeu e ao Outro e os estudos de Jameson, Bhabha e Spivak (Benson & Conolly, 1994) so-

bre o impacto da ideologia na formação do sujeito colonial, debatem formas pelas quais a subjetificação do colonizado poderá se tornar realidade. Jamais se pode esquecer que a descolonização é o processo oposicionista contra a dominação, "uma verdadeira criação de homens novos ... não se originando de algum poder sobrenatural, porque o objeto que foi colonizado torna-se pessoa durante o mesmo processo em que se liberta" (Fanon, 1990).

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

A REINTERPRETAÇÃO E A REESCRITA

Até certo ponto, todas as literaturas nacionais desenvolveram o seguinte esquema para chegarem a ser consideradas como tal: (1) a imitação de um padrão dominante e sua assimilação ou internalização; (2) a rebelião, onde tudo o que foi excluído pelo padrão dominante começa a ser valorizado. Embora haja crítica a este modelo (Tiffin, 1988), pode-se dizer que a formação e a consolidação das literaturas pós-coloniais se dão na subversão, ou seja, a resposta ao centro, formulada na famosa frase de Rushdie "the Empire writes back to the centre". A estratégia das literaturas dominadas é dupla: (1) uma tomada de posição nacionalista, quando a literatura pós-colonial assegura a si mesma uma posição determinante e central e (2) quando questiona a visão européia e eurocêntrica do mundo, desafiando a sistematização de pólos antagônicos (dominador-dominado) para regulamentar a realidade.

A primeira estratégia consiste na reinterpretação de obras do cânone europeu. O exemplo de *The Tempest* (1623) é muito significativo. Embora desde meados do século XIX houvesse indícios de uma interpretação pós-colonial desta peça de Shakespeare (Ashcroft, 1991), a apropriação deu-se principalmente com os caribenhos George Lamming (em seus romances *Natives of My Person e Water with Berries,* ambos de 1971 e a coleção de ensaios *The Pleasures of Exile*, 1960), Aimé Césaire (*Une tempête: d'après La Tempête de Shakespeare – Adaptation pour un théatre négre*) e outros (Brydon, 1984). A relação entre Próspero e Calibã é considerada o paradigma das relações centro-margem ou a realidade pós-colonial. Enquanto a dominação da realidade, a linguagem, a arrogância e a posse de território alheio executadas por Próspero são metáforas do domínio colonizador, a submissão forçada, o castigo, a rebeldia e o uso da linguagem para amaldiçoar pertencem ao colonizado Calibã (Bonnici, 1993).

No mesmo viés, encontra-se o romance aparentemente inócuo *Mansfield Park* (1814), de Jane Austen, que, através de uma estratégia de leitura pós-colonial, poderá revelar certos fatores outrora ocultos. As bases econômicas das famílias abastadas e da sociedade afluente inglesa, mudas e envoltas em silêncio, são fatores denunciantes do tráfico de escravos e do lucro auferido do trabalho escravo em Antígua, engendrados por Sir Thomas Bertram, o tio da protagonista Fanny. A afirmação de Yasmine Gooneratne em seu discurso "Historical 'truths' and Literary 'fictions'"

(*apud* Ashcroft et al., 1991) de que a leitura e reinterpretação pós-coloniais do romance poderão privilegiar estes silêncios e torná-los os anúncios mais importantes do texto, realmente abre caminhos novos. Além de mencionar o silêncio de Austen, Said (1995) faz semelhante crítica no caso de Camus. No caso da literatura brasileira, Anchieta, na peça Na *Festa de São Lourenço* (1587), transfere o *weltanschaung* europeu sobre demonologia, alteridade e marginalização ao indígena brasileiro, polariza a dicotomia colonizador-colonizado e justifica a objetificação do nativo (Bonnici, 1996).

A segunda estratégia refere-se à reescrita, ou seja, "a retomada de obras literárias do cânone ... para a reestruturação das 'realidades' européias em termos pós-coloniais. A finalidade não é a reversão da ordem hierárquica, mas interrogar os pressupostos filosóficos sobre os quais tal ordem estava baseada" (Ashcroft, 1991). Exemplos clássicos da reescrita são os romances *Wide Sargasso Sea* (1966), da escritora dominicana Jean Rhys (1890-1979) a partir de *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë (1816-1855), e *Foe* (1986), do escritor sul-africano J. M. Coetzee (1940-), a partir de *Robinson Crusoé,* de Daniel Defoe (1719). *Wide Sargasso Sea* desenvolve os eventos do romance de Brontë sobre a esposa "creola" de Mr. Rochester trancada no sótão. Antoinette narra sua história de espoliação praticada pelo seu marido inglês na fazenda dela no Caribe. A gradual degradação e submissão forçada de Antoinette por seu esposo, até sua deportação para Thornfield Hall, tornam-se o fator emblemático de encontros coloniais. O incêndio da mansão mostra a resposta da mulher "colonizada" diante da arrogância e domínio do europeu (Bonnici, 1994). Em *Foe,* o narrador não é mais o inventivo e prático Robinson Crusoé, mas uma mulher inglesa chamada Susan Barton. Desterrada numa ilha, ela encontra um pacato e desanimado Cruso e seu escravo, o africano Friday. Cruso morre durante a viagem de volta à Inglaterra. Na metrópole, Susan tem dois problemas: transmitir a sua narração da estada na ilha a um elusivo escritor Mr. Foe e arrancar do mudo Friday a sua história. Ambas as tarefas tornam-se quase impossíveis: a primeira por causa da pretendida manipulação da história por Mr Foe e a segunda pela incompreensão do europeu diante de singulares manifestações "literárias" empreendidas por Friday. O romance avança na problemática posta pelo romance original e discute o silêncio do colonizado, a possibilidade de fala após uma história de brutalidades cometidas pelos europeus, o relacionamento entre o colonizador e o colonizado, as modalidades não-canônicas de fala e escrita, a manipulação da história pelo europeu e a subversão gentil (o conceito de 'sly civility', discutido por Bhabha) do subalterno (Bonnici, 1995).

CONCLUSÃO

A análise da obra literária sob o enfoque da teoria pós-colonialista pode ser uma tarefa difícil porque implica uma *metanóia* no leitor e no crítico. Pode inclusive subverter noções importantes da Teoria Literária e

criar um mal-estar quando se faz a comparação tipicamente ocidental (porque hierárquica) entre a literatura de uma ex-colônia e as principais literaturas européias. Vivendo num país cuja literatura não tem quase projeção alguma na literatura mundial porque sempre foi considerada tributária (Kothe, 1997) e, no caso específico do autor deste trabalho, ensinando as literaturas de nações colonizadoras no idioma do colonizador, a análise pós-colonialista pode privilegiar uma prática estratégica. Ela favorece a escolha de textos de origem pós-colonial, escritos por autores que experimentaram a degradação e, às vezes, o aniquilamento de sua cultura pelo colonialismo, para investigar a resposta de cada um diante da arrogância colonial ainda existente. Oferece também a oportunidade de resgatar textos que o poder colonial suprimia e fazia sumir porque subvertiam a ordem colonial por ele estabelecida, de analisar textos sob uma nova perspectiva e recuperar aspectos satíricos e irônicos pelos quais os autores, superando conveniências laudatórias, mostram a infâmia da colonização e da alteridade.

A investigação literária pós-colonialista abre novas perspectivas para literaturas que, embora nitidamente pós-coloniais, têm dificuldade em aceitar esta situação. São literaturas já maduras, como a brasileira, mas relegadas à posição tributária e cujos autores não aparecem na lista 'canônica' de *The Western Canon*, de Harold Bloom. Como o africano Friday no romance *Foe*, de Coetzee, elas possuem métodos próprios para falar e contar a sua história. O mergulho à nau naufragada reproduz a volta às profundezas da história para que o sujeito pós-colonial representado na literatura recupere a voz e assim possa narrar e anunciar as suas experiências como o Outro.

BONNICI, T. Introduction to the study of post-colonial literatures. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

ABSTRACT

During the last three decades intense research work has been done on the literatures of peoples who had been colonized in various forms. This paper is a summary of the achievements. Investigations on colonizing strategies, the colonizer's role in the educational formation of the natives through the European language and literature, the colonial literary canon, the marginalization of all native cultural expressions and the colonized people's answer have been discussed. Criticism on the silences in colonial literature and the birth of literatures free of Eurocentric standards questioned certain bases of traditional Literary Theory. Among other results reinterpretation and rewriting of Western canonical works have had an important role in the answer of post-colonial peoples.

Key Words: Literature, post-colonialism, metropolitan center-colony, decolonization, post-colonial strategies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, I., TIFFIN, H. *Past the Last Post:* Theorizing Post-Colonialism and Post-Modernism. London: Harvester, 1991.

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Empire Writes Back:* Theory and Practice in Post-Colonial Literatures. London: Routledge, 1991.

BENSON, E., CONOLLY, L.W. *Encylopedia of Post-Colonial Literatures in English* Vol. I and II. London: Routledge, 1994.

BHABHA, H. Of Mimicry and Men: The Ambivalence of Colonial Discourse. *October*, v. 28, n. 1, p. 125-133, 1984.

————. The Other Question : Difference, Discrimination and the Discourse of Colonialism. *Screen*, v. 24, n. 6, p. 18-36, 1983.

BONNICI, T. Postcolonial Voices in J.M. Coetzee's **Foe**. *Revista UNILETRAS,* v.17, n. 1, p. 89-98, 1995.

————. Tendências do feminismo no contexto pós-colonial. In: *SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA*, 7. 1997, Niterói. Anais ... Niterói: UFF, 1998 (no prelo)

————. **A Tempestade**, de Shakespeare, e o discurso colonialista. In: SEMANA DE LETRAS, 5., 1993, *Maringá. Anais* ... Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1993. p. 31-41.

————. Colonialism and Feminism in Jean Rhys's **Wide Sargasso Sea.** *Revista UNILETRAS,* v. 16, n.1, p. 101-106, 1994.

————. Demonização do novo mundo em **The Tempest**, de Shakespeare, e em **Na Festa de São Lourenço**, de Anchieta". *Revista UNIMAR*, v . 18, n. 1, p. 99-106, 1996.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1983.

BRYDON, D. Re-Writing **The Tempest**. *World Literature Written in English,* v. 23, n.1, 1984. p. 76-88.

DOCKER, J. The Neocolonial Assumption in University Teaching of English. In: TIFFIN, C. *South Pacific Images.* St. Lucia, Queensland: SPACLALS, 1978.

Du PLESSIS, R. B. *Writing beyond the Ending:* Narrative Strategies of 20th Century Women Writers. Bloomington: Indiana UP, 1985.

FANON, F. *The Wretched of the Earth.* Harmondsworth: Penguin, 1990.

HARRIS, W. *Tradition, the Writer and Society.* London: New Beacon, 1973.

HUGGAN, G. Decolonizing the Map. In: ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Post-Colonial Studies Reader.* London: Routledge, 1995. p. 407-411.

HUTCHEON, L. Circling the Downspout of Empire. In: ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Post-Colonial Studies Reader.* London: Routledge, 1995. p. 130-135.

IYER, P. The Empire Writes Back. *Time,* v. 142, n. 6, p. 46-51, 1993.

JANMOHAMMED, A . The Economy of Manichean Allegory: The Function of Racial Difference in Colonial Literature. *Critical Inquiry,* v. 12, n. 1, p. 59-87, 1988.

KOTHE, F.R. *O cânone colonial.* Brasília: EUB, 1997.

MELLO E SOUZA, L. de. *Inferno Atlântico:* Demonologia e Colonização. Séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NGUGI, wa Thiong'o. *Homecoming:* Essays. London: Heinemann, 1972.

——————-. *Decolonising the Mind:* The Politics of Language in African Literature. London: Currey, 1986.

PARRY, B. Problems in Current Theories of Colonial Discourse. *Oxford Literary Review,* v. 9, n. 1/2, p. 27-58, 1987.

PETERSON, K. H. First Things First: Problems of a Feminist Approach to African Literature. In: ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Post-Colonial Studies Reader.* London: Routledge, 1995. p. 251-254.

PHELPS, G. Two Nigerian Writers: Chinua Achebe and Wole Soyinka. In: FORD, B. *The New Pelican Guide to English Literature.* Harmondsworth: Penguin, 1984. p. 328-343. v. 8.

SAID, E. *Cultura e imperialismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAMPSON, G. *The Concise Cambridge History of English Literature.* Cambridge: CUP, 1979.

SARTRE, J-P. *O ser e o nada:* ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução por Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SLEMON, S. The Scramble for Post-Colonialism. In: ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Post-Colonial Studies Reader.* London: Routledge, 1995. p. 45-52.

SOUZA, L. M. T. M. de. Post-Colonial Literature and a Pedagogy of Re-Visioning: The Contribution of Wilson Harris. *Claritas,* v. 1, n. 1, p. 55-61, 1994.

_______________. As Literaturas do Terceiro Mundo e o Ensino. In: *SEMINÁRIO INTEGRADO DE ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA,* 2., 1986, Porto Alegre. Anais ... Porto Alegre: PUCRS, 1986. p. 99-106.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? Speculations on widow sacrifice. *Wedge,* v. 7/8, n.1, p. 120-130, 1985.

TIFFIN, H. Post-colonialism, Post-modernism and the Rehabilitation of Post-Colonial History. *Journal of Commonwealth Literature,* v. 23, n. 1, p. 169-181, 1988.

TODOROV, T. *A conquista da América:* a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VISWANATHAN, G. The Beginnings of English Literary Studies in British India. *Oxford Literary Review,* v. 9, n. 1/2, p. 2-26, 1987.

WILLIAMS, D. *Image and Idea in the Arts of Guyana.* Georgetown: Mittelholzer Memorial Lectures, 1969.